SCHOLL, Inge. *Die Weisse Rose*: Erweiterte Neuausgabe. Frankfurt. Fischer Taschenbuch Verlag, 2001. p. 7

|  |
| --- |
| Já se passaram cinquenta anos desde que os irmãos Scholl e outros estudantes, bem como simpatizantes de algumas regiões da Alemanha e da Áustria, anteviram com clareza o início das atrocidades e do terror – desde os primeiros indícios, ainda pouco perceptíveis para a maioria, até o auge da violência – e decidiram agir norteados pelos seus ideais. Seus feitos entraram definitivamente para a história.  Mas a palavra *história* remete ao passado - o que é perigoso, pois leva a crer que os acontecimentos ficaram para trás e nunca se repetirão. Tendo em vista que as condições em que vivemos mudaram radicalmente nos últimos cinquenta anos, tal perspectiva é ainda mais perigosa. O bem-estar social, que tem se tornado cada vez mais óbvio para muitos de nós, encobre morte, tortura e terror, mesmo que tenham acontecido ao nosso lado, e induz a não acreditarmos no que, na verdade, sabemos.  A exposição irrefletida ao consumo e ao prazer endurece o coração, leva, de uma maneira talvez ainda mais perigosa, a agitação e agressão e reduz as possibilidades de contemplação do mundo, que deve ser observado de forma atenta, contínua e consequente. À medida que se busca desenfreadamente a realização material, o anonimato e a perda de identidade aumentam. Cada vez mais, a face das pessoas parece refletir o desejo de não renunciar a nenhum desejo, o que as faz perder o que há de mais precioso. Confundir o que pode ser comprado nas ruas iluminadas e vitrines abarrotadas com o que realmente tem valor, mas não está à venda, torna o mundo vazio.  A fachada alegre e prazerosa do mundo, tão diferente da imagem de cinquenta anos atrás, minimiza a gravidade dos fatos históricos (Inge Scholl fala claramente sobre o perigo dessa banalização) e faz a alegria desaparecer dos corações, aquela alegria autêntica que compreende, até mesmo, uma morte preciosa. O que recebemos em troca é uma morte qualquer e uma vida qualquer. Precisamos ficar atentos.  Viena, meados de 1992                                                                   Ilse Aichinger    [Trad. Tinka Reichmann e Juliana P. Perez] |